



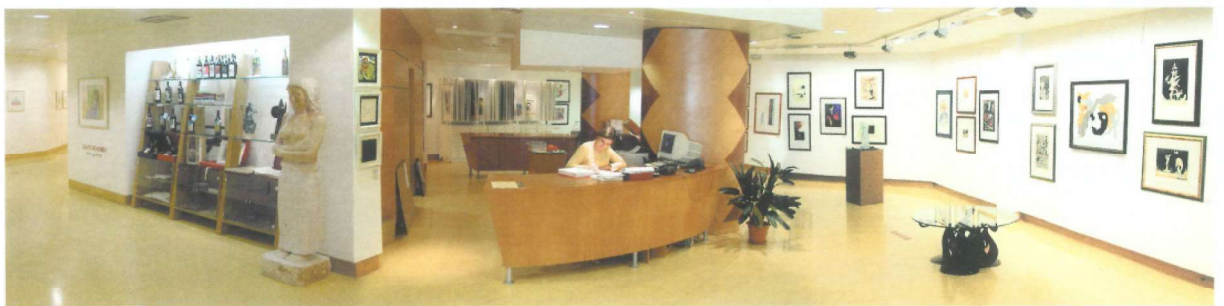
impressões partilhadas

Centro Português de Serigrafia - 20 anos a partilhar arte

impressões partilhadas

Centro Português de Serigrafia - 20 anos a partilhar arte





Centro Português de Serigrafia sede em Lisboa

A Consuelo, Andrés, Gabriel y Diego
estes 20 anos de cor e motivo
do nosso encontro.

com muita amizade
Obrigado.

editor CENTRO PORTUGUÊS DE SERIGRAFIA

textos ANTÓNIO PRATES

JOÃO PRATES

MARIA JOÃO FERNANDES

TOMÁS PAREDES

coordenação JOÃO PRATES / ALEXANDRA SILVANO

design gráfico ALEXANDRA SILVANO

tradução VANDA OLIVEIRA / INÊS CURTO

fotografia FRANCISCO PALMA

JOÃO PRATES

colaboradores ANA PACHECO

FRANCISCO PALMA

MARIA JOÃO FERNANDES

PAULA BORGES

ELISABETE NOGUEIRA

TIAGO RAPOSO

impressão e acabamento ANTÓNIO COELHO DIAS S.A.

tiragem 5.000 EXEMPLARES

data ABRIL 2006

ISBN: 972-95699-3-2

Depósito Legal: 242013/06

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida.







O CPS comemora 20 anos, sinto-me orgulhoso e responsável. Orgulhoso, porque o meu sonho se tornou realidade e só é possível fazer dum sonho uma realidade quando criamos e construímos com paixão e amor extremo, mas calculado, para ser eterno.

Acreditando e somando todos os dias mais um pensamento justo, nobre, imparcial e sem influências de correntes negativas e destruidoras, sempre caminhei seguro dos meus objectivos, mesmo quando muitos agentes responsáveis pela arte e pela cultura do nosso país não nos deram o apoio desejado. Sempre tive consciência de que pretendia e pretendo continuar lentamente, mas seguro e atento, a caminhar para os objectivos nos quais acredito e que defini.

Democratizar a arte - há quem não goste ...

Fomentar a alegria de se estar envolvido psicologicamente e materialmente num conceito que antes era um preconceito, e que seria mais difícil de ultrapassar se o CPS não existisse.

Responsável, por ter contribuído para que se tenha quebrado essa barreira e haver milhares de casas portuguesas que se tornaram pequenos museus.

Quero salientar que devo principalmente a essas pessoas o sucesso cultural que o CPS tem tido.

Devo ainda agradecer ao meu irmão João Prates pela dinâmica que introduziu nos últimos anos, a todos os artistas nacionais e internacionais que conosco têm colaborado, à minha família, mulher, filhos e primos, todos trabalhando para o mesmo fim; aos meus amigos que me motivam, aos extraordinários técnicos. Os dez são magníficos, os melhores entre os melhores, que nacional e internacionalmente praticam a arte de executar a serigrafia, a litografia e a gravura; a todos os colaboradores pela sua dedicação incondicional. Ao meu querido amigo Tomás Paredes que em Espanha tanto tem apoiado a Arte Portuguesa através do jornal El Punto de las Artes.

A todos, no culminar destes 20 anos, um grande obrigado e bem hajam.

António Prates
Fundador





O PRAZER DA PARTILHA

Este livro dá a conhecer, por ordem alfabética do nome dos artistas, a quase totalidade das edições exclusivas do Centro Português de Serigrafia. O limite de paginação obrigou-nos a estabelecer um critério selectivo na apresentação das obras, de modo a reflectir o carácter eclético e abrangente do campo editorial. Dá-nos ainda exemplos de alguns projectos especiais, como a edição magnífica de "Os Lusíadas", das colecções "A Arte e o Livro", "Arte e Poesia" e "A Arte e o Vinho" e de múltiplos de escultura e de cerâmica.

As novas opções artísticas emergentes nos anos 80, em clima de grande abertura e entusiasmo, consentâneo com as oportunidades económicas existentes, reavivaram um mercado de arte adormecido. Nesse contexto, e em 1985, o Centro Português de Serigrafia foi criado pelo meu irmão António Prates, um ano após a abertura da Galeria de São Bento. Dentro da obra gráfica, foi principalmente a Serigrafia, cuja técnica permite uma maior vivacidade e cromatismo, que deu expressão a essa época de grande euforia.

As edições de Gravura foram introduzidas mais tarde, em 1994, e as de Litografia artística em 2001, ambas sob a orientação de mestre Marçal, figura central do ensino, estímulo e transmissão da paixão por estas formas de expressão artística junto das mais jovens gerações de artistas.

Portugal era, e embora em menor grau ainda é, uma sociedade carente em termos culturais. A obra gráfica (serigrafia, gravura e litografia,...), teve uma importância social acrescida, permitindo um fácil acesso à imagética de cada artista e originando novos públicos apreciadores da obra de arte. Ao longo destes anos o número de amantes de arte tem-se consolidado e ampliado, conquistado pela confiança, maturidade e qualidade editorial crescente das edições CPS.

Impressões

Desenhar, pincelar, riscar, corroer, brunir, burilar, rascar, granir, decalcar, recortar, gravar, limar, biselar, polir, desengordurar, dissolver, neutralizar, limpar, lavar, acertar, galvanizar, acidular, aguar, sensibilizar, bloquear, corrigir, transferir, transportar, humedecer, secar, registar, prensar, tintar, passar, imprimir.

Ver crescer, cor a cor, uma serigrafia; aguardar do outro lado da prensa e ver surgir uma gravura ou, do contacto de uma simples pedra, ver acontecer uma litografia, são um verdadeiro e inesquecível privilégio. O atelier é um espaço de encontro, lugar de encanto e magia, onde cada autor representa uma nova aprendizagem e uma nova experiência. Cada obra editada pelo Centro, afastada do sentido da mera reprodução, tem esse cunho: diálogo criativo entre artista e atelier de forma a ver nascer um objecto artístico, independente, autónomo, partilhável.

Partilhadas

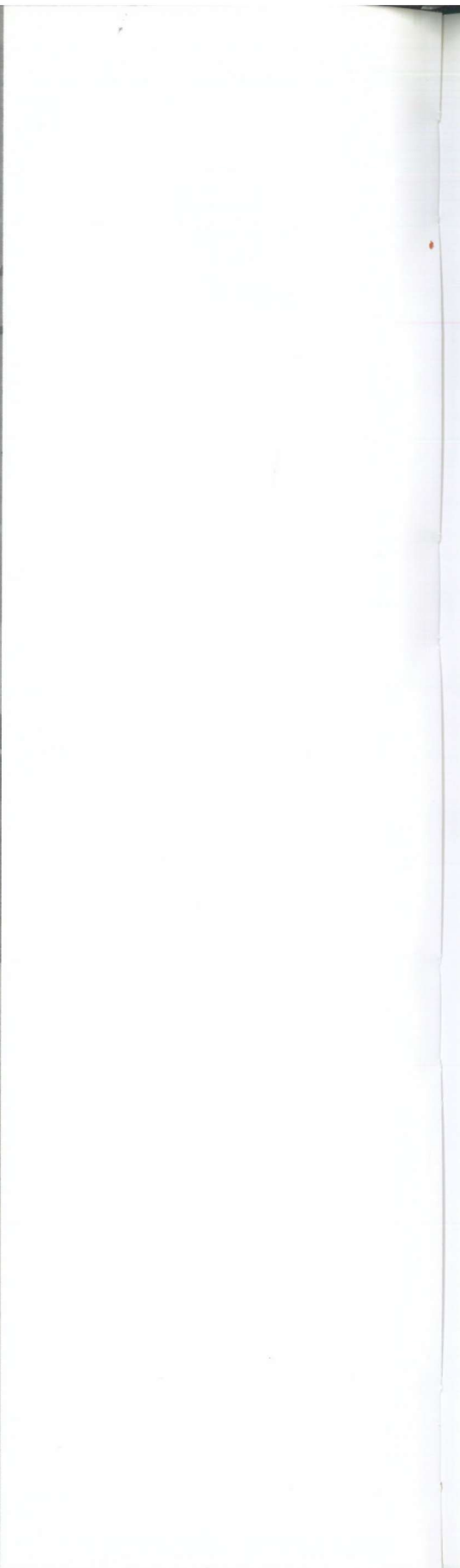
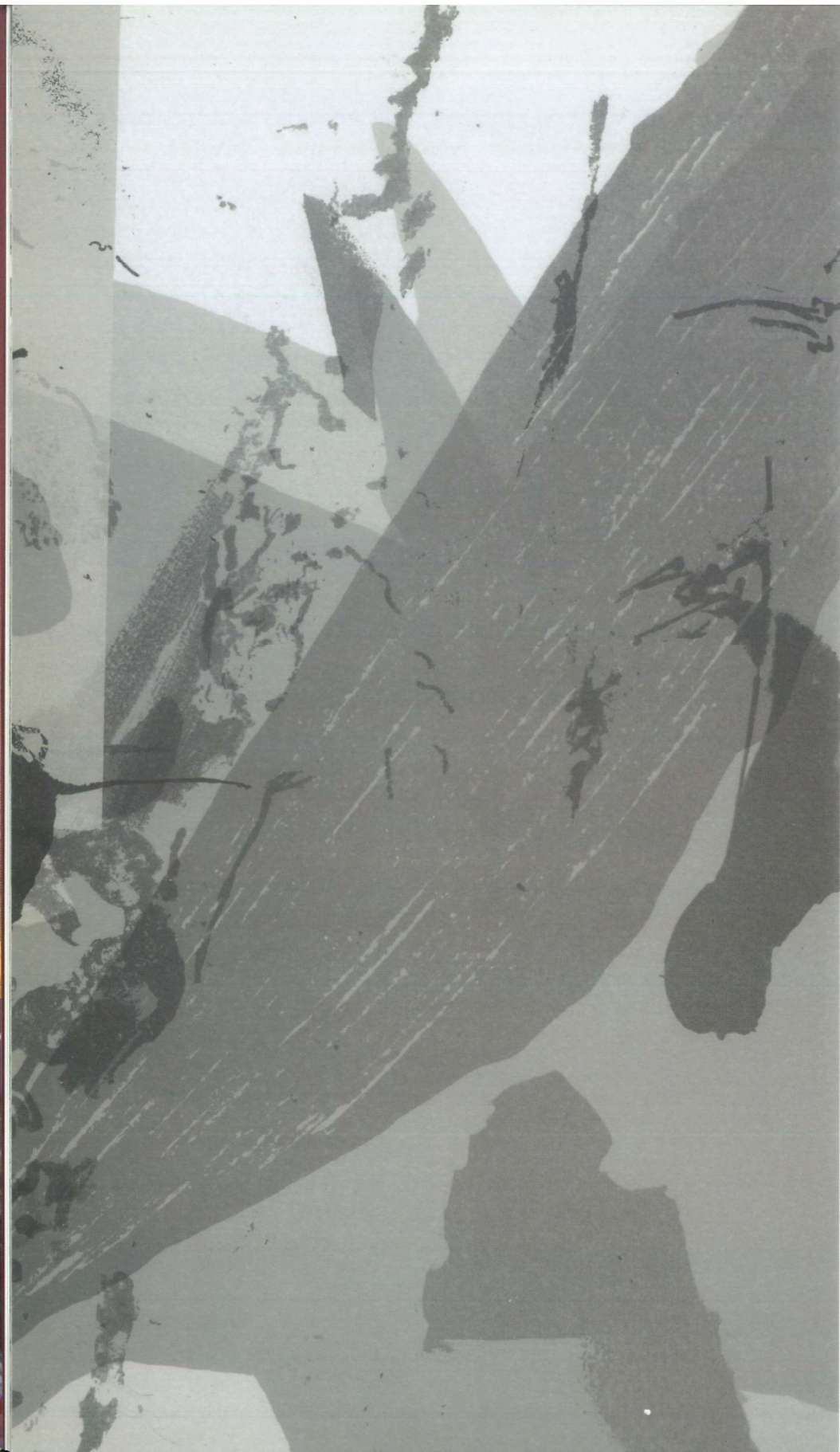
O que fazemos requer muito gosto e paixão. Partilhamos e lidamos com o admirável universo da arte e dos artistas. É uma sorte. Para nós, o desafio está sempre na edição que ainda falta fazer. Apesar do seu historial formativo e até didáctico, o CPS nunca impôs o seu gosto, assumindo um papel de legitimador. Os sócios escolhem os artistas e as obras com as quais têm mais prazer em conviver. A convivência regular com as obras de arte, entretanto seleccionadas pelos sócios, estabelece verdadeiros laços afectivos, supra financeiros, permitindo o anseio íntimo de muitos artistas: que a sua obra possa ser realmente apreciada e amada.

Por exemplo, numa edição de 20 exemplares e algumas provas de artista - o original - o artista assume a partilha desse original entre ele próprio e 20 pessoas, que por sua vez, mesmo não se conhecendo, partilham um gosto electivo. É esta uma das principais características da obra gráfica, o que lhe atribui um sentido cúmplice de fruição da obra de arte.

Com vários milhares de sócios activos, centenas de artistas editados e com uma magnífica equipa de mais de três dezenas de pessoas, o CPS é hoje em dia um selo de garantia de rigor e qualidade, recentemente comprovado pelo prémio à melhor galeria presente na Estampa - Madrid atribuído pela prestigiada Associação de Críticos de Arte Madrilena, entre 95 galerias de 14 países. Continua a desenvolver o seu exigente trajecto, com critérios de abrangência estética e grande qualidade técnica graças à excelência do seu pessoal, cada vez mais experiente. Facilita o acesso ao universo da arte, através de regulares edições de subscrição, numeradas e assinadas pelos artistas, em exclusivo para os seus sócios que pagam uma pequena quota mensal e podem escolher as obras sem mais custos. Pratica valores sem especulação, defendendo o papel fundamental que a obra gráfica e os múltiplos de arte desempenham na sociedade contemporânea.

Acredito que o convívio com a obra de arte melhora a nossa relação com a vida e com os outros. Acredito no valor da obra gráfica enquanto espaço de partilha.

João Prates
Director





OS 20 ANOS DO CENTRO PORTUGUÊS DE SERIGRAFIA A CELEBRAÇÃO DA ARTE

A Arte é um veículo por excelência de comunicação e de fruição da beleza e do mistério do mundo. O Centro Português de Serigrafia, actualmente o maior editor e divulgador de arte em Portugal completa 20 anos a celebrar a alegria da criação produzindo uma espécie de nova comunidade de artistas de grande mérito tanto no plano nacional como internacional e de fruidores, todos empenhados em associar a arte às suas vidas quotidianas prolongando o espírito inaugurado pela Bauhaus.

As suas escolhas são feitas de um modo muito diversificado, dando continuidade à nobre tradição da gravura, com antecedentes notáveis em obras dos mais conceituados artistas do passado e do presente, de Durer, Goya e Rembrandt a Matisse, Picasso, Dalí, Miró, Vieira da Silva e Tàpies entre muitos outros. Também em Portugal a obra gráfica constitui um aspecto fundamental da expressão artística do nosso tempo, representando um veículo imprescindível de divulgação estética, pela sua qualidade e aperfeiçoamento técnico que tem vindo a conquistar.

O CPS que iniciou as suas actividades em 1985, com a edição de uma serigrafia do mestre Cargaleiro, dispõe neste momento de uma notável colecção de edições serigráficas que reúne alguns dos nomes mais marcantes da cena artística portuguesa da actualidade que hoje tem a oportunidade de divulgar nesta mostra de dimensão nacional.

Dos grandes Mestres do século XX, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, José de Guimarães, Hogan e Júlio Pomar, aos jovens artistas emergentes, passando por movimentos tão emblemáticos como o neo-realismo e o surrealismo e no plano internacional a Arte Pop, a Nova Figuração e as grandes linhas da abstracção contemporânea o Centro Português de Serigrafia tem vindo a criar uma colecção ímpar de cerca de 1000 obras que é um verdadeiro documento da arte e da cultura dos nossos dias. Uma dinâmica constante de exposições assegura a sua vitalidade e incrementa o seu diálogo com o público envolvendo tanto expoentes da arte do nosso tempo como Tàpies ou Joseph Beuys, como talentosos artistas em início de carreira empenhados em percursos experimentais.

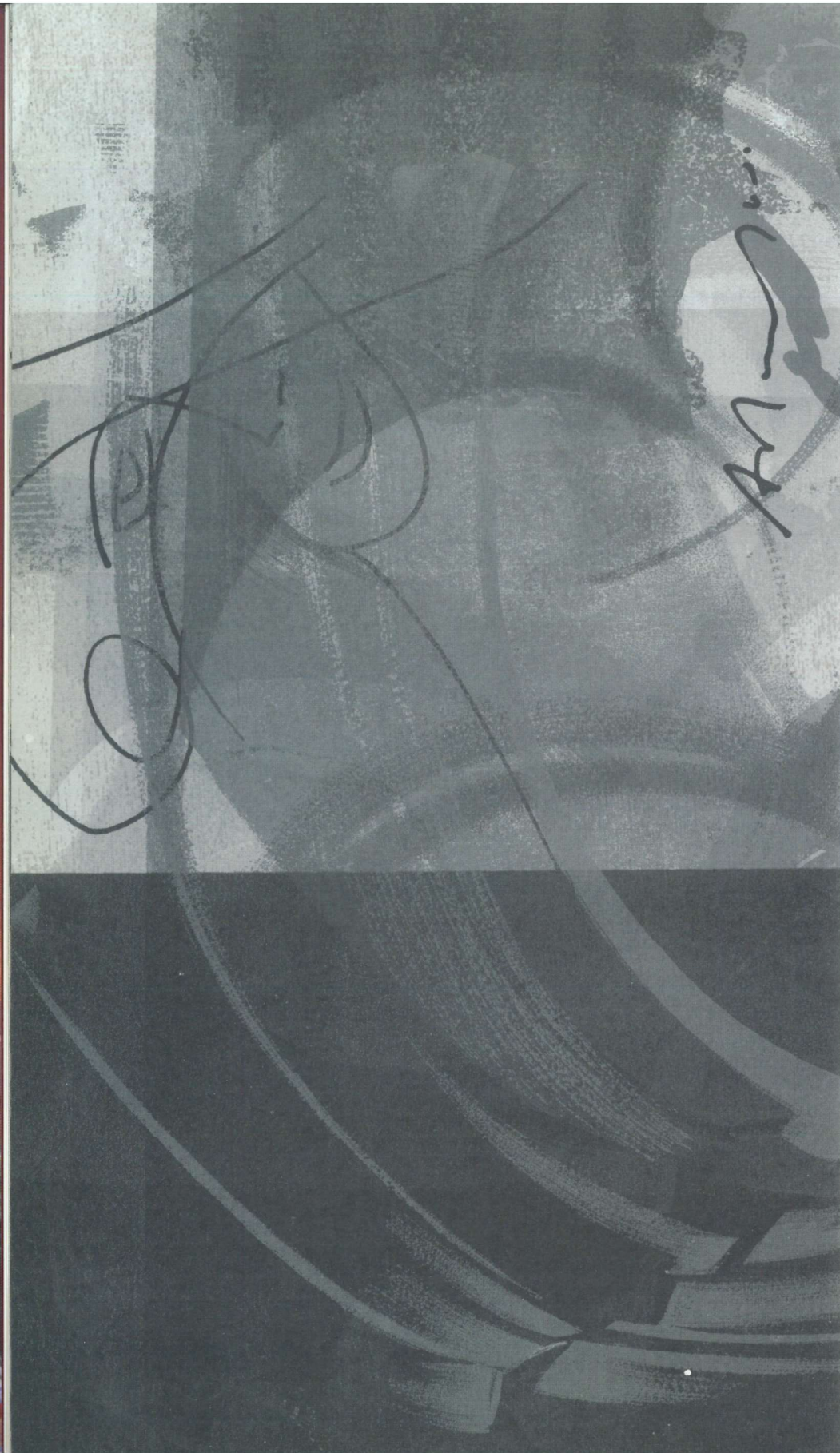
Em 1994 alargou com as primeiras edições de gravura o seu já importante repertório, sob a competente orientação do gravador impressor e original artista, igualmente representado nesta mostra, Humberto Marçal. Em 1995 juntaram-se a estas iniciativas as edições de livros de arte, praticamente sem precedentes e sem equivalente em Portugal, as quais foram iniciadas com uma preciosa versão da primeira edição dos Lusíadas ilustrada por artistas portugueses de reconhecido mérito, à qual se seguiram outras, de obras reunindo a poesia e a imagem plástica de prestigiados artistas contemporâneos como Eurico Gonçalves, Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas. A fotografia de Carlos Calvet recentemente distinguida na Estampa onde a representação do CPS foi considerada pela crítica a melhor do certame inaugurou esta importante expressão da contemporaneidade nas suas edições.

Estas edições têm vindo a contribuir para uma maior divulgação, e junto de um grande público da arte portuguesa contemporânea, revestindo-se de um alto valor pedagógico, na medida em que familiarizam esse mesmo público e no seu dia-a-dia, com a linguagem plástica da modernidade, tornando-o mais disponível para o seu entendimento e apreciação.

O Centro Português de Serigrafia associa-se no dealbar deste novo milénio, a um novo padrão de fruição da arte, que sem negar o valor da obra única, antes exaltando-a nos monótipos, produziu um Museu em constante mutação e crescimento, uma colecção infinitamente aberta e permeável, uma arte que ao contrário daquela que exige a reverência de um espaço próprio, inventa, junto de quem a ama, uma intimidade irrepitível, quotidiana festa dos sentidos e do olhar reinventando o mundo à imagem do desejo.

Maria João Fernandes

A.I.C.A.
Associação Internacional de Críticos de Arte





"O MAR ENTOA / SEU TRÁGICO CANTAR DE MARAVILHAS"

A minha inclinação por Portugal nasceu, com a escrita de Unamuno, li, de forma morosa e deleitado o seu livro *"Por terras de Portugal e de Espanha"*. Estudava, na altura no El Escorial, nos finais dos anos sessenta, e na solidão das tardes soalheiras, ou de neve, lia Don Miguel. Pouco a pouco, fui cultivando o jardim do iberismo. O tema não é recente, tem raízes profundas, num tempo distante do nosso, e numas visões já murchas, quem recorda hoje o doutor Laranjeira, ou o inflamado iberismo do poeta Maragall?

Passavam os anos, mudava a nossa sociedade e a minha paixão, por Portugal, crescia. Viagens, leituras, amigos, como não mencionar Álvaro Perdigão. O destino quis-me em Portugal, no primeiro dia da *Revolução dos Cravos* ...Yuste ia expor no Estoril, eu acompanhava-o, o carro cheio de quadros, e o funcionário da alfândega dizendo-nos que tinha estalado a revolução, e nós sem saber do que nos falava. Que dias tão belos, que medo, que alegria, que sensação desconhecida!

De vez em quando voltava a Unamuno, livros de poemas e viagens, primeiro a costa, em seguida o interior. No final dos anos oitenta conheci António Prates e forjou-se, lentamente, uma clara e duradoura amizade. Multiplicam-se as viagens, as idas e vindas, cresce o interesse e a admiração por uma paisagem e por um povo. Ali e aqui, quanto bem fez Mário Quartín Graça pelos amigos de Portugal! Aparece a figura de João Prates, que torna mais próximas as distâncias, que nos liga a uma terra e às suas gentes com o dom da amizade. Já conhecia Jorge Vieira, Rui Chafes, Adão Rodrigues; depois vieram Júlio Pomar, Cruzeiro Seixas, Calvet, Ramos Rosa...

A inauguração do Centro Cultural de Belém, a montagem da exposição de Manolo Ruibal, as noites de fado e os dias em busca de livros, nos alfarrabistas; as viagens com Emilia, pela costa, pelo Algarve, cruzando o Alentejo; Beja, berço de Almutamid, o poeta rei de Sevilha, entre terras sedentas e desfiladeiros maravilhosos do rio, o Museu Jorge Vieira, Noémia Cruz, Heitor Figueiredo ...

A princípio, estava consciente apenas da minha paixão, tinha lido os iberistas hispânicos e os portugueses, António Sardinha, Juan Valera, Antero de Quental, Unamuno, mas nunca tinha considerado esta relação como algo mais profundo do que uma paixão literária, até que João Prates, na sua filosofia da amizade para além de outras coisas, num catálogo do CPS, me chamou de *"espírito maior do diálogo ibérico"*, fez-me ficar todo arrepiado!, pois eu nunca me havia proposto outra coisa além de conhecer e celebrar a arte e o pensamento dos nossos vizinhos.

Quando, a 9 de Fevereiro de 2006, José Saramago apresentava no Círculo de Bellas Artes, um álbum de gravuras de David Almeida, com poemas do próprio Saramago, este manifestou, em público: *"Primeiro sou português, em seguida ibérico e depois europeu"*. Entre a dedicatória de João Prates e as palavras de Saramago, reflecti bastante e concluí que, primeiro sou iberista, depois iberista e em consequência europeu. E isto, sem entrar em detalhes sociopolíticos nem históricos, sem reivindicar nada e sem rentabilizar nenhum trabalho nem conduta anterior *Gratis et amore*, pura correspondência a tanto recebido!

Em diversas ocasiões escrevi a minha opinião sobre o trabalho de António Prates, que dá a conhecer em Portugal, arte histórica, jovem ou emergente de Espanha. Se hoje certos nomes espanhóis, Feito, Canogar, Gordillo, Jiménez, Ciria, Reguera, Alcántara, Pizarro, se colecionam e se falam em Portugal, é graças a António Prates e ao seu labor de difusão. Se muitos artistas, poetas, escritores, conservam uma relação com Portugal, ou foram editados, deve-se a António Prates, na sua faceta de editor, magnífico editor de livros maravilhosos e dispendiosos dos surrealistas portugueses, de Ramos Rosa, Antonio Carvajal, ou como anfitrião do nosso amigo comum Jesús Hilario Tundidor, poeta de elevado nível.

O seu espírito iberista leva-o longe. Através da sua Fundação vai conseguir um ponto de encontro com a arte do mundo, sobretudo espanhol e português; com a poesia, a fotografia. Desde a fundação do Centro Português de Serigrafia que os autores de um e de outro lado da fronteira se popularizaram, difundiram, socializaram, e tudo mercê do seu empenho iberista, acontecendo o mesmo com os livros. Agora, por ocasião da efeméride do CPS, vinte anos já!, não haveria necessidade de voltar a falar sobre o assunto, de forma explícita, porque a história e o percurso trilhado são positivamente esmagadores, mas gosto de recordá-lo, como uma simples constatação.

Desde os tempos da publicação do livro de Unamuno, em 1911, Portugal mudou muito, está irreconhecível; Espanha também, mas continuam os receios e continuam os espíritos novos iberistas, convencidos de que juntos estaríamos melhor, e quem diz juntos, não diz revoltosos ou uns em cima dos outros...! Que bem faria a tantos portugueses portugueses e a tantos espanhóis espanholistas, conhecer o iberismo de Joan Maragall, Teixeira de Pascoaes, Unamuno, Manuel Laranjeira, Giménez Caballero, Oliveira Martins, Fidelino Figueiredo, Eugenio Montes ...!

Unamuno escreveu um soneto com o título *"Portugal"*, que integra o seu livro *Rosário de sonetos líricos*, e que foi publicado na revista *"A Águia"*, no seu nº. 5, Fevereiro de 1911, que fala de uma mulher que se senta na orla marítima, de sonhos e impérios fatais, de agoirentas brumas, de Dom Sebastião e do mistério, daí procede o verso que titula estas linhas. Mudaram muitas coisas, felizmente, ficam muitas outras por mudar; e são atitudes como a de António Prates que fazem muito para que essas mudanças e entendimentos aconteçam. Não é só um empresário empreendedor, valente, destemido, criador de riqueza e de trabalho, é também e, sobretudo, um iberista, que em vez de fazer sonetos, mostra através da arte que devemos estar juntos, para caminharmos mais sossegados, sem nos olharmos de soslaio, sem tragédias, nem contendas, de mãos dadas. O seu empenho está em que devemos andar, olhando para a frente, sem reparar no anedótico, somente incidindo no principal.

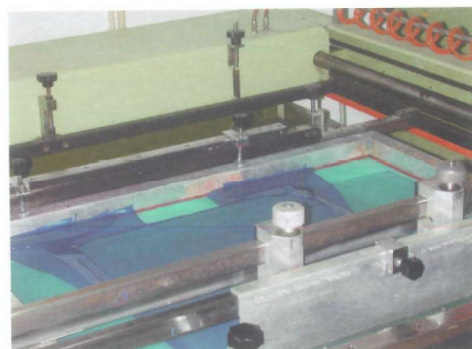
No último salão *"Estampa"* o Centro Português de Serigrafia foi considerado como a melhor galeria da feira, por parte dos críticos entre os quais me encontro, não é o cume do mundo, mas ajuda a seguir caminhando, dando passos no sentido de nos conhecermos, para gostarmos uns dos outros sem receios. A colecção do CPS, reunindo artistas nacionais e estrangeiros é uma prova mais do que evidente do diálogo integrador, sem renunciar a nada. O talento empresarial de António Prates, que se torna cultural com a criação da Fundação António Prates, e a capacidade criativa e a identidade amistosa de João Prates fazem com que não se sintam barreiras, que nos consideremos em casa, em Portugal, quando ali vamos e que os portugueses tenham uma corrente de simpatia em relação a Espanha.

Realmente, eles são os promotores do diálogo ibérico, os que se empenham em desvanecer lugares comuns e arriscam neles o seu dinheiro e o seu prestígio. Eu não arrisco nada, procuro conhecer melhor uma cultura riquíssima e isso beneficia quem o pratica. Sou um amante declarado da poesia portuguesa, conheço e gosto de alguns dos seus marcos vivos, Herberto Helder, Cruzeiro Seixas, Ramos Rosa, Ana Hatherly; Lisboa é uma velha dama que convive, com a mesma elegância, com marinheiros, boémios, teósofos, poetas, fadistas e visionários; é uma cidade acolhedora, misteriosa, secreta e aberta aos oceanos, bairrista e universal a um tempo; não há mérito algum em amá-la, ela é uma dádiva e o que digo da formosa capital atlântica vale para Portugal e para os seus naturais.

Tomás Paredes

Académico Correspondente da Real Academia de Bellas Artes Nuestra Señora de las Angustias de Granada

EDIÇÕES CPS

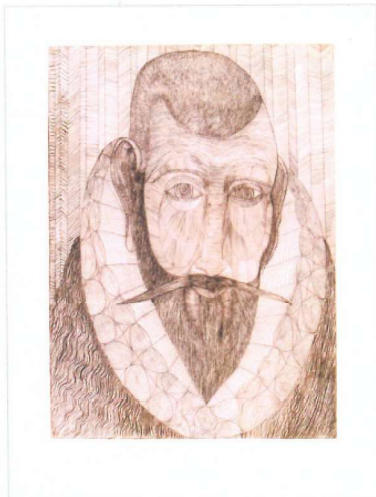


18 Álvaro Perdigão



S055 S/ Título 1989
Serigrafia s/ papel
40 cores
50 x 58 cm
Edição de 200 exemplares

Andrés Alcantara



G126B Cervantes 2005
Água-forte e ponta seca s/ papel
76 x 57,5 cm
Edição de 200 exemplares

S464 Minotauro 2000
Serigrafia s/ papel 300 g/m2
50 x 70 cm
13 cores
Edição de 200 exemplares





Alice Jorge
S437 S/ Título 2000
Serigrafia 45 x 60 cm
200 exemplares



Alice Jorge
G061 S/ Título 2000
Gravura 50 x 35 cm
150 exemplares



Amélia Assis
S196 S/ Título 1995
Serigrafia 70 x 50 cm
200 exemplares



Amélia Soares
G095 Proposta Infinito 2004
Gravura 56 x 76 cm
150 exemplares



Ana Cesária
S476 S/ Título 2001
Serigrafia 50 x 70 cm.
200 exemplares



Ana Maria
S087 S/ Título 1991
Serigrafia 70 x 50 cm
200 exemplares



Ana Maria
S257 S/ Título 1997
Serigrafia 70 x 50 cm
200 exemplares



Ana Maria Galvão
G013 S/ Título, 1996.
Gravura, 75 x 57 cm.
150 exemplares



Ana Maria Galvão
G071 S/ Título 2001
Gravura 85 x 70 cm.
150 exemplares



Andrés Alcántara
S156 S/ Título 1994
Serigrafia 70 x 50 cm
200 exemplares



Andrés Alcántara
S503 S/ Título 2001
Serigrafia 52 x 34 cm
90 exemplares



Andrés Alcántara
G080B S/ Título 2002
Gravura 70 x 50 cm
50 exemplares



Antônio Carmo
S097 S/ Título 1991
Serigrafia 70 x 50 cm
200 exemplares



Antônio Carmo
S181 A Boneca 1995
Serigrafia 70 x 100 cm
200 exemplares



Antônio Coutinho
S401 Janela com Panteão 1999
Serigrafia 70 x 50 cm
200 exemplares



Antônio Coutinho
S475 Rua do Machado 2001
Serigrafia 70 x 50 cm
200 exemplares